

O INTÉRPRETE DE LIBRAS ENTRE A SIGNIFICAÇÃO E O TEMA DAS ENUNCIÇÕES

Eixo temático: Discurso e tradução/ interpretação para língua de sinais

Vânia de Aquino Albres Santiago
Universidade federal de São Carlos - UFSCar

Introdução

A educação de surdos passou por diversas propostas durante a história. Por um longo período a filosofia educacional oralista, depois, a partir da década de 1980 esta filosofia perdeu espaço para a proposta da Comunicação Total, iniciando assim uma nova perspectiva de trabalho, onde vislumbrava-se o início da atuação do intérprete. Sendo comum nesse período de pouco conhecimento da estrutura da língua de sinais, o uso da interpretação literal. Na década de 1990, com os avanços dos estudos linguísticos sobre Língua de Sinais, iniciou-se a reflexão da atuação de professores e de intérpretes de língua de sinais - ILS. Também a partir da década de 90, com o início da proposta de educação bilíngue aplicada em sala de aula, e mais tarde com as políticas educacionais de inclusão em consonância com a oficialização da Libras (Língua Brasileira de Sinais) pela Lei 10.436/2002, o Programa Nacional de Educação de Surdos (BRASIL, 2002) assume uma abordagem bilíngue para a educação de surdos no Brasil, tornando a presença do ILS, doravante intérprete educacional quase que condição *sine qua non* na educação de surdos inscritos na escola regular.

No entanto, apesar de tal situação apresentar-se como grande conquista para uma educação de qualidade aos surdos, nos questionamos pela falta de formação desses profissionais, não desapreciando o saber constituído na prática, mas entendendo que é o momento de pensar na sistematização desses saberes a fim de proporcionar a disseminação desse conhecimento. Pode-se dizer que vivemos hoje um cenário favorável e em desenvolvimento, e sabendo que reconhecer as diferentes especificidades de cada nível de ensino é fundamental para que os intérpretes educacionais possam refletir sobre sua prática.

Partindo dessa preocupação justifica-se a especial atenção no que se refere ao desenvolvimento do intérprete para atuar na educação de surdos, no nível universitário, pensando nas mais diferentes situações linguísticas. Lacerda (2009) indica que a formação precisa favorecer que futuros tradutores e intérpretes identifiquem e analisem os textos orais e escritos para além das palavras, apreendendo seus sentidos. Os recursos linguísticos usados pelo intérprete educacional devem possibilitar ao aluno surdo acesso aos conteúdos a partir de uma perspectiva bilíngue. Peixoto (2006) complementa:

Reconhecer a condição bilíngue do surdo é, portanto, apenas o começo de uma longa e intrigante travessia de descobertas e desafios. O acolhimento necessário e imprescindível da língua de sinais, como primeira língua do surdo e língua escolar, devolve ao surdo a esperança, ao mesmo tempo em que nos convoca a pensar sobre os processos e práticas construídos – agora – à luz dessa nova condição. (PEIXOTO, 2006, p. 207).

Referencial teórico

É importante entender, então que não basta para o intérprete dominar a Língua de Sinais, outros fatores além da fluência devem ser investigados para que o intérprete educacional tenha condições de mediação dos conteúdos acadêmicos de forma eficaz, e para além do conteúdo “o intérprete especialista para atuar na área da educação deverá ter um perfil para intermediar as relações entre os professores e os alunos, bem como, entre os colegas surdos e os colegas ouvintes” (BRASIL, 2004).

A linguagem humana configura um sistema semiótico plural, ou seja, de produção dinâmica de sentidos na materialização da linguagem.

Claramente, a tradução/interpretação é muito mais do que a codificação simples de formas linguísticas do idioma de origem para a língua-alvo. Interpretação bem sucedida requer a compreensão das dimensões multilingual-multicultural do contexto interpretar. Além disso, a interpretação entre as línguas estruturalmente diferentes, em que os usuários nativos das línguas envolvidas mantêm visões de mundo diferentes, representa desafios adicionais. (DAVIS, 2002, p. 118-119, tradução nossa)

Napier (2002) estudou as ações dos intérpretes de Língua de Sinais Australiana ao interpretar uma palestra para universitários, a autora verificou que alguns intérpretes mudaram o estilo de tradução, entre os métodos livre e literal de interpretação, como uma estratégia linguística para lidar com as influências do ambiente sociolinguístico do discurso. Neste estudo, foi dada atenção à formação dos intérpretes educacionais (familiaridade com o discurso acadêmico), as características linguísticas e densidade léxica do texto, e suas influências sobre a interpretação. Albres (2006) indica que além da proficiência na língua de sinais e da formação na área de interpretação, “há necessidade de se conhecer bem a temática ser interpretada, ter fluência na Libras e criatividade para fazer uso dos recursos espaciais da língua no momento da construção de explicações da área.” (ALBRES, 2006, p.11). Podemos entender que a compreensão do texto a ser interpretado (em várias dimensões) influencia nas escolhas durante a interpretação.

Sobre o aspecto da familiaridade com o discurso citada por Napier (2002), e da temática citada por Albres (2006) trago aqui a problemática da compreensão para a atividade do intérprete educacional. “Naturalmente, há diferenças essenciais entre a recepção ativa da enunciação de outrem e sua transmissão no interior de um contexto”

(BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009 [1929], p. 152). O Intérprete educacional está sempre a procura da compreensão do discurso a transmitir como receptor ativo e responsável pela compreensão do outro para quem ele interpreta. Bakhtin (2010 [1940]) desenha a compreensão da seguinte forma:

Desmembramento da compreensão em atos particulares. Na compreensão efetiva, real e concreta, eles se fundem indissolúvelmente em um processo único de compreensão, porém cada ato particular tem uma autonomia semântica (de conteúdo) ideal e pode ser destacado do ato empírico concreto. 1) A percepção psicofisiológica do signo físico (palavra, cor, forma espacial). 2) Seu reconhecimento (como conhecido ou desconhecido). A compreensão de seu significado reprodutível (geral) na língua. 3) A compreensão de seu significado em dado contexto (mais próximo e mais distante). 4) A compreensão ativo-dialógica (discussão-concordância). A inserção no contexto dialógico. O elemento valorativo na compreensão e seu grau de profundidade e de universalidade. (BAKHTIN, 2010 [1940], p. 398).

A questão da compreensão aproxima ou afasta o intérprete do tema da enunciação fonte de sua interpretação. Para Bakhtin/ Volochínov (2009 [1985], p. 134) “O tema é um sistema de signos dinâmico e complexo, que procura adaptar-se adequadamente às condições de um dado momento da evolução. O tema é uma reação da consciência em devir ao ser em devir”. Podemos entender que o tema representa o sentido da enunciação completa, seria ao mesmo tempo o objeto e o produto da tradução, a produção de sentido que foge ao controle do enunciador ou do tradutor/intérprete, pois “somente a enunciação tomada em toda sua amplitude concreta, como fenômeno histórico, possui um tema” (ibdem).

Para a compreensão da enunciação de outrem é preciso orientar-se em relação a ela, a cada palavra da enunciação, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, é aí que a compreensão ativo-dialógica toma espaço e pode nos aproximar do tema. Nesse sentido, a significação revela-se potencial, como aparato técnico para a realização do tema, representa um estágio inferior da compreensão da enunciação de outrem.

A partir destas considerações podemos entender que para o intérprete o problema da compreensão reside na fronteira entre o tema e a significação, ou seja, a consciência do intérprete passeia entre a significação dos elementos linguísticos e sua relação com o todo da enunciação, e que estas questões influenciam diretamente no produto da interpretação.

Neste ponto apresentamos o objetivo desta pesquisa: Identificar as estratégias adotadas na interpretação do português para a Libras em ambiente universitário e as situações que influenciam a atividade do intérprete em relação à compreensão ativo-dialógica das enunciações que constituem texto fonte da interpretação.

Metodologia

O presente trabalho foi desenvolvido na perspectiva histórico-cultural, sendo uma pesquisa qualitativa, mais especificamente, pesquisa etnográfica. Para Ezpeleta e Rockwell, (1989) um desdobramento da pesquisa etnográfica estabelece-se na pesquisa participante, modalidade que possibilita formas de interação entre o pesquisador e os sujeitos que abre fontes de informação que nenhuma outra técnica permitiria. Me considero pesquisadora participante, pois sou intérprete no mesmo contexto em que me propus coletar os dados.

Realizamos coleta de dados por meio de vídeo gravação das interpretações em aulas do curso de Pós-graduação em Sustentabilidade – Arquitetura - em uma Universidade privada de grande porte da cidade de São Paulo, local da pesquisa. Todos os colaboradores participam do processo ensino-aprendizagem: professores, intérpretes e alunos. As aulas interpretadas do português para a língua brasileira de sinais e vice versa foram gravadas, gerando um banco de dados de 14 horas de interpretação de interpretação, para a análise. Para as gravações foram utilizadas duas filmadoras digitais uma focando o intérprete e o professor e a outra os aluno surdo e a turma; Diário de campo foi usado para registrar o dia-a-dia da universidade, os contextos e contradições das situações gravadas em vídeo.

Os episódios foram transcritos¹, registrados. O *corpus* gerado compõe-se de ações dos intérpretes, do aluno surdo, dos professores e dos colegas ouvintes da turma no uso da linguagem. As vídeo gravações foram organizadas em episódios a serem analisados, levando em consideração, além da fala de todos os participantes o contexto da interpretação, o máximo de informações possíveis sobre o dado momento das enunciações de cada episódio.

Resultados e Reflexões

Sobral (2008, p. 40) explica que “as línguas são traduzíveis, ou seja, postas em correspondência, mas não tradutíveis, ou seja, postas em equivalência” para ele, “não há nas línguas um conjunto de signos cujos sentidos estejam determinados [...], mas um conjunto de possibilidades de produção de sentido”. Para Bakhtin/ Volochínov, (2009 [1929]):

O tema² da enunciação é na essência, irredutível à análise. A Significação da enunciação, ao contrário, pode ser analisada em um conjunto de significações ligadas aos elementos linguísticos que a compõe (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 2009[1929], p. 134).

¹ Transcrição de dados de uma língua sinalizada conforme Leland e Viotti (2008).

² Para Bakhtin/ Volochínov (2009 [1985], p. 134) “O tema é um sistema de signos dinâmico e complexo, que procura adaptar-se adequadamente às condições de um dado momento da evolução. O tema é uma reação da consciência em devir ao ser em devir”. Podemos entender a partir disso que o tema seria ao mesmo tempo o objetivo e o produto da tradução, ou seja, a produção de sentido que foge ao controle do tradutor ou de quem analisa o processo de tradução.

Para este trabalho foram selecionados 03 recortes de um episódio da aula da disciplina de Eficiência energética.



Figura 1: Foco da filmadora 1 – Dinâmica espacial da sala de aula
Fonte: acervo do autor

Português	Aquelas imagens que eu passei na aula passada, sabe? Que tem umas imagens de automação. O que que é isso aqui ó pessoal, é o seguinte ó, [pausa], é a ideia de como vai funcionar o setor de designer pra quem tá no {projeto} comercial né.
LIBRAS	POR-EXEMPLO O-QUE. POR EXEMPLO EXPLICAR SEMANA PASSADA IMAGEM A-U-T-O-M-A-Ç-A-O EU ENTÃO(gesto com expressão facial de dúvida) EXPLICAR O-QUE ISSO(apontando para o quadro), IDÉIA IMAGEM COMO AINDA NÃO-SEI CERTO C-O-M-E-R-C-I-A-L, ADMINISTRAÇÃO VOCÊS PROJETO (ombros levantados)

Recorte 1 : Vídeo 3005 – Aula de eficiência energética

O 1º recorte, acima apresentado, nos primeiros minutos de interpretação, momento em que o intérprete sabe apenas o nome da disciplina e vagamente o assunto da aula, mas ainda não sabe o tema que está por vir, o intérprete opta pela interpretação literal e blocos de informações em Libras menos elaborados. Deixa claro para o aluno através de sua sinalização e expressões que não tem segurança da compreensão do tema. Na primeira linha ele opta pela soletração A-U-T-O-M-A-Ç-A-O ao invés do uso de um classificador ou de um sinal, e termina o enunciado com o sinal ENTÃO, dando a entender que ali faltou alguma informação, mas recebe a confirmação do aluno de saber do que se trata ele dá continuidade ao processo de interpretação.

Português	Mas basicamente funciona assim, Tem que passar pelos pré requisitos gerais que começa na página 17, e esses requisitos gerais atendidos, vão ter uma nota, entendeu, vão ter uma nota, A B C D E, ta.
LIBRAS	[pausa] PENSAR VER P-R-É ANTES REGRA GERAL COMEÇAR LIVRO-folherar (passando o dedo na língua) NÚMERO 1-7 , ESSE(apontando para o quadro) P-R-É ANTES PROGRAMA, TER N-O-T-A, A-B-C-D-E (mão esquerda mantém base do sinal PROGRAMA)

Recorte 2: Vídeo 3005 – Aula de eficiência energética

O 2º recorte acima, minutos após o início da aula, o intérprete configura uma estratégia de interpretação mais baseada na estrutura da língua de sinais, mas ainda sem enunciações elaboradas. Como vemos: para a sentença em português “Mas basicamente funciona assim.”, não há interpretação, pois neste momento o intérprete está na escuta e na busca do sentido para continuar sua interpretação, retomando em sua memória o que já foi falada na mesma aula e aguardando o momento em que já tenha informação suficiente para dar continuidade no processo de interpretação. Essas informações estão citadas no momento em que o intérprete faz referência ao manual e ao esquema do programa montado no quadro pela professora.

Quando o intérprete tem a possibilidade de apreender o objeto e o sentido, o processo da tradução torna-se mais significativo e conseqüentemente mais consciente. O interessante é que logo depois desse primeiro contato com o assunto da aula, o intérprete passa a adotar uma nova estratégia de interpretação como vemos no 3º recorte a seguir:

Português	Eh... um fato novo, uma coisa que eu percebi outro dia lendo o manual com os alunos da Belas Artes, foi que a questão do aquecimento para água para o setor comercial, que é de 100%, né, para você pontuar, ta escrito lá, que isso se aplica quando o consumo de energia para água quente é superior a 10% do consumo do prédio. Então não é para qualquer 1 chuveiro.
LIBRAS	COISA NOVA VER PERCEBER FOLHEAR LER MANUAL LÁ COM ALUNO B-E-L-A-S A-R-T-E-S(<i>Belas Artes</i>) FACULDADE LÁ, QUENTE(<i>aquecimento</i>) ÁGUA ÁREA COMERCIAL, 100% CONSEGUI A, MAS PROGRAMA LÁ APLICAR CERTO TER USO ENERGIA QUENTE ÁGUA SUPERIOR 10%, QUALQUER 1 CHUVEIRO COLOCAR-PAPEL NÃO.

Recorte 3: Vídeo 3005 – Aula de eficiência energética

No 3º recorte, momento em que o intérprete está totalmente inteirado do assunto, do contexto, acerca da fala da professora, ele consegue transitar entre o português e a Libras de forma leve, construindo enunciações em Libras bem elaboradas e, além disso, fazer uso recursos como o bimodalismo: B-E-L-A-S A-R-T-E-S(*Belas Artes*) e QUENTE(*aquecimento*) quando soletra ou faz um sinal e ao mesmo tempo oraliza a palavra exata e também fazer explicitações como na sentença “QUALQUER 1 CHUVEIRO COLOCAR-PAPEL NÃO”, complementando a mensagem na língua alvo com informações dada no contexto, estes comentários indicam a apreensão do tema. A segurança pela apreensão do tema possibilita a interpretação ser mais dinâmica, mas isso somente acontece quando a questão da significação, um estágio inferior ao tema, está superada.

Considerações finais

Trazemos neste trabalho o problema da compreensão a ser discutido de uma maneira mais particular, quanto a possibilidade de interferência no produto da interpretação. Constatou-se que a transição entre a significação e o tema, na compreensão das enunciações é uma

constante, a cada nova atividade em sala de aula, a cada capítulo a ser explicado pelo professor, a cada exemplo em aula, novamente a transição, da significação para o tema ou do tema para a significação.

É importante salientar que a interpretação educacional carrega consigo algumas peculiaridades, o intérprete que atua nesta esfera carrega consigo a responsabilidade de proporcionar ao surdo a compreensão e apreensão dos conteúdos, diferentemente do intérprete de conferências, por exemplo, que passa pelos temas interpretados de forma mais leve. Não obstante, o intérprete educacional tem a possibilidade de confirmar, durante a interação com o aluno, se ele assimilou o conteúdo, diferentemente também do intérprete de conferências. Mas o que se pretende com essa afirmativa? Pretende-se chamar a atenção para o problema da compreensão, entendendo ela como ativo-dialógica e sua direta influência na materialidade da interpretação educacional.

Referências

- ALBRES, N. de A. Interpretação da/para Libras no Ensino Superior: apontando desafios da inclusão. *V Simpósio Multidisciplinar - UNIFAI*. São Paulo. 23 a 27 de outubro de 2006.
- BAKHTIN, M.(VOLOCHÍNOV). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. (1ª edição 1929). Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora HUCITEC, 13ª edição, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Lei Nº. 10.436*, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Programa Nacional de Educação de Surdos* – Brasília: MEC; SEESP, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. *O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa*. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos – Brasília: MEC; SEESP, 2004.
- DAVIS, J. E. Translation Techniques in Interpreter Education. In ROY, C. *Innovative practices for teaching sign language interpreters*, Washington DC: Gallaudet University Press 2002.
- EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie. *Pesquisa Participante*. São Paulo: Cortez – autores associados, 2ª edição, 1989.
- NAPIER, J. - University Interpreting: Linguistic Issues for Consideration. In: *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*. 7:4 Fall, 2002.
- LACERDA, C.B.F. de. *Intérprete de libras em atuação na educação infantil e no ensino fundamental*. Porto Alegre: Mediação, 2009.
- PEIXOTO, R. C. Algumas considerações sobre a interface entre a língua brasileira de sinais (libras) e a língua portuguesa na construção inicial da escrita pela criança surda. *Cad. Cedes, Campinas*, vol. 26, n. 69, p. 205-229, maio/ago. 2006 Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>
- SOBRAL, A. *Dizer o 'mesmo' a outros: ensaios sobre tradução*. São Paulo: Special Books Service Livraria, 2008.

Referência para esse texto:

SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. O intérprete de libras entre a significação e o tema das enunciações. In: *III Congresso Brasileiro de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa*. Florianópolis-SC: UFSC. 15 a 17 de agosto de 2012.